

## O PARÁGRAFO 9 DO ORGANON

Henrique Stiefelmann

Hahnemann, em 1808, dizia em "Esculápio na Balança":

*"Mas não é menos certo e muito desanimador que as noções antropológicas ou fisiológicas começam a nos ser úteis, precisamente, no momento em que o corpo é desvinculado da saúde. Toda explicação de um ato mórbido deduzido do que sabemos a cerca das funções no estado de saúde não é mais que uma pura ilusão que se separa mais ou menos da verdade".*

*"Quer confessemos ou não, é evidente que no momento em que tratemos de contemplar antropológicamente o estado do corpo enfermo, um denso véu estende-se sobre nossos conhecimentos fisiológicos, que antes era de tão vivo resplendor. Tudo o que sabemos em fisiologia perde seu rumo, quando tratamos de explicar os fenômenos que se verificam em um corpo enfermo. Sobra-nos muito pouco ou nada do que poder tirar proveito. Não há dúvida do que aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia permite-nos dar uma espécie de explicação, mas esta é sempre uma ilusão um erro capaz de extraviar-nos."*

Em 1308, por sua visão lantiana, permitindo-se especular, a *posteriori* de fatos experimentais, diz em "Valor dos Sistemas em Medicina":

*" Não é dado aos mortais conhecer a priori a essência do espírito humano".*

O instituidor sábio está bem persuadido dessa verdade. Assim poupa-se no possível a fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objetivo exige dele, atém-se, a *posteriori*, ao que a alma deixa-nos perceber dela por suas manifestações de atividade, a psicologia experimental, nem pode, nem necessita saber mais...

*... "E sob o nome de fisiologia, que se poderia chamar biologia experimental, isto é, os fenômenos apreciáveis por nossos sentidos do corpo humano são..."*

Em 1775, Hufeland (1762-1832) escreve: “ *Idéias sobre a patogenia e influência da força vital na origem da forma da doença,*” e graças a tal influência, o Vitalismo prevaleceu por décadas na Alemanha.

Em 1796, no *Jornal Hufeland*, Hahnemann publica o seu “*Ensaio sobre um novo princípio ...*”, marcando o início da Homeopatia.

Somente na 5ª edição ele utilizará o termo *Lebenskraft* – força vital.

Por que teria Hahnemann recusado vincular o Vitalismo à sua obra durante 39 anos? O que ocorreu nesse intervalo? Quais são os fatos experimentais que lhe permitem especular a *posteriori*?

Numa fase inicial, Hahnemann procurava paralelas entre os quadros de intoxicação e os quadros clínicos. Por exemplo, *Arnica* mostrava na sua intoxicação náuseas, ansiedade, opressão no estômago; frente a uma disenteria epidêmica, com quadro semelhante, ministrava *Arnica* em tintura-mãe resolvendo esses casos.

Ocasionalmente quando em dúvida dos sintomas dessas drogas tóxicas engolia uma grande dose e observava os sintomas resultantes. No entanto, após trilhar esse caminho por alguns anos com certo sucesso, observou que os sintomas das intoxicações eram muito vagos e indefinidos, que na melhor das hipóteses poderia chegar a uma aproximação na seleção medicamentosa. Não lhe restava outra saída senão a de experimentar cada medicamento individualmente e tenta em vão convencer a classe médica, da qual recebe duras críticas.

Nestas primeiras experimentações usou *China* 4 dracmas (1 dracma – 3,586gr.); numa carta a Staph diz: “*Helleborus* uma gota de tintura em 8 onças de água (1 onça – 28,691 gr.); *Camphora* 2 grãos (1 grão – 50 mg.) em dracma de álcool e 8 onças de água”.

Em 1793, entramos nas primeiras alusões à diluição. Entre 1799-1801, recomenda doses muito pequenas e as chamadas doses infinitesimais. Segue experimentando altas diluições e voltando de vez a doses ponderais. Nem na 1ª edição do *Organon*, tampouco na 1ª parte da *Matéria Médica* (1811) é definida a questão das doses.

Nesta primeira edição do *Organon*, Hahnemann escreveu: *“Deixei existir na medicina um princípio da cura; o entendimento tem um pressentimento dele.”*

Em 1812, prescreve *Arnica* na C18 e *Nux vom.* C9, e a experiência prova-lhe a eficácia dos medicamentos diluídos reforçado pelo fato de observar substâncias inertes (*Carbo an.*, *Lycopodium*, *Silicea*) em doses ponderais agiram em doses diluídas, levando-lhes a designar os diferentes graus das doses, em vez de diluições, *por poderes desenvolvidos ou potenciais*.

É de se notar que em 1813, publica *“ O Espírito da Doutrina Homeopática”*, artigo que dá traços doutrinários fundamentais, em que começa a esboçar aquilo que abominava cinco anos antes: A Antropologia Homeopática.

Diz nesse artigo: *“A vida humana não é de forma alguma regulada por leis puramente físicas, que prevalece somente entre as substâncias inorgânicas. As substâncias materiais, das quais se compõe o nosso organismo, já não seguem em suas combinações vitais às leis às quais se submetem as substâncias na sua condição inanimada; elas são reguladas pelas leis peculiares tão somente à vitalidade, elas são animadas e vitalizadas assim como o sistema como um todo é animado e vitalizado. Neste domínio reina onipotente um poder fundamental e sem nome, o qual abole toda a tendência que tem as partes do corpo a obedecer às leis de gravitação, do momento, das “vix inertiae” (força da inércia), da fermentação, da putrefação etc., e as mantém na condição de sensibilidade e atividade necessária à preservação do ser vivo como um todo, uma condição quase espiritualmente dinâmica”*.

*“Então, como a condição do organismo e da saúde depende somente da saúde da vida que a anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, o que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual.”*

Ainda toma o cuidado de não denominar o poder fundamental.

E quanto ao medicamento chega a que: “... o poder espiritual do medicamento nestas circunstâncias não atinge o seu objetivo por meio da quantidade, mas por potencialidade e qualidade (aptidão dinâmica, homeopaticidade)...”

Chegando, então, que as propriedades farmacológicas e terapêuticas das drogas estão ao nível energético, onde a qualidade ou força está em 1º plano e a matéria, secundariamente.

Na 3ª edição da Parte II da Matéria Médica Pura: “Na experimentação as diluições e a dinamizações devem ser empregadas tão altas, como para serem usadas no tratamento de doenças, isto é, glóbulos umedecidos com a C30.”

De 1816 a 1826 cada vez mais ascende às altas diluições.

Em Leipzig, entre 1818 e 1820, fala dos sintomas do Cemut – Índole temperamento que não podem faltar para a prescrição, que foi sintetizado no Par. 213

Nas “Doenças Crônicas” (1828) diz que: “*Natrium mur.* foi experimentado na C30 e que é somente em diluições potencializadas acima desta, que outros medicamentos mostram todo o seu poder.” E passa a preferir as altas potências para terapêutica pontuando que um dos três erros do médico é acreditar que a dose é o suficientemente pequena, tendo utilizado C200 e outras, segundo Mèlanie Hahnemann. Aqui denomina a *Psora* como causa de 7/8 das enfermidades.

A decisão final em favor das altas potências é colocada na sua concepção da dinamização das drogas após diluição e sucussão, que aparece na 5ª edição do *Organon* (1833).

É de se notar que nesta edição, Hahnemann passa a ter uma concepção mais clara da força vital e de seu papel na manutenção da saúde e produção da doença. Porque clarificou suas idéias sobre a força qualitativa das drogas.

Hahnemann mostra-nos como respeitou o Par. 6, do “observador livre de preconceitos” mudando suas ideias, a cada passo que via aquilo que enunciou um dos seus mais diletos discípulos: “Quanto maior a potência durante a experimentação mais observava sintomas raros peculiares e característicos”, surgindo daí a regra de Jahr para a escolha da potência terapêutica: “quanto mais semelhante maior a potência.”

O mestre caminhou do nascimento à maturidade da Homeopatia, percorrendo o caminho da matéria mais densa até a mais sutil – energia, da intoxicação até a idiossincrasia, dos sintomas mais grosseiros aos sintomas mais sutis, retratado pela posição dos sintomas mentais: em 1813 na sua Matéria Médica Pura os últimos sintomas são os mentais e em 1828 nas Doenças Crônicas ganham o 1º escalão, surgindo como os primeiros sintomas a figurarem (com exceção do intelecto e memória) nas patogenesias.

É no parágrafo nono da 5ª e 6ª edições, que colocará sua visão de homem são, que deverá ser analisado à luz dos seus demais escritos, e como diz em: “Conselhos a um aspirante a doutorado...” *é preciso saber bem o que disseram os homens que nos precederam e o que dizem os nossos contemporâneos...*”, portanto, vendo-o dentro do contexto de sua época.

Par. 9 – *Im gesunden Zustende des menschen waltet die geistartige, als Dynamis den materiellen? Rarper? (Orgaism) belebende Lebenskraft (Autocratie) unumscharankt und halt seini Theile in bewundersuurdig harmonischen Lebensgange in Gefuhhlen und Thatinkeiten, so da unser inwohnende, vernunftige Geist sich dieses lebendigen, gesunden Terkkzeugs frei zu dem hohern Zwecke unsers bedienen hann..*

Par. 9 – No estado de saúde, a força vital espiritual autocrática que dinamicamente anima o corpo material, reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender os mais altos fins de nossa existência.

A expressão *Labenskraft* – Força Vital - foi utilizada, pela primeira vez, na Alemanha, por Johann Unzer (1727-1799), que seguiu Stahl J. Reil, o maior propagador do Vitalismo na Alemanha, publica “Dissertação sobre a Força Vital”. Mas Hahnemann parece ter se inspirado na Escola de Montpellier e, principalmente, em J. Barthez (1734-1866), de quem adotou o termo dinamismo, e talvez o de princípio vital que introduz na 6ª edição.

Vitalismo é todo o sistema que explica a ação recíproca de espírito e corpo com a ajuda de um princípio intermediário, um princípio misto, que irá de um a outro, fazendo-os viver de

bom acordo. Este sistema tem três princípios: pensamento, matéria e vida, esta um intérprete que conhece a língua dos dois interlocutores que não se compreendem.

Dinamismo é todo o sistema que considera a vida como uma força. Da 5ª edição do *Organon* para a 6ª edição, Hahnemann passa de Dinamista para Vitalista, porque na 5ª fala da Força Vital e na 6ª de Princípio Vital.

*Lebenskraft* substitui *Organism Korp, befinden* ( Organismo, corpo ou estado de saúde) das edições anteriores.

O adjetivo que dá força vital: espiritual, é sempre acompanhado de: “Por assim dizer, “Quase, “ De algum modo”, assim como a palavra imaterial, sempre procurando acrescentar a palavra dinâmico, virtual, portanto não usando, com conotação filosófica, o termo espiritual aqui, e sim com o significado de uma realidade fisiológica, isto é, físico-química, conceito herdado da fisiologia hipocrática, e particularmente da galênica, que se baseavam no conceito dos chamados espíritos animais.

Entre parênteses, da propriedade de ser autocrática, isto é, que ela rege e governa por suas leis, as da vitalidade, através dessas leis subjuga as propriedades dos componentes materiais, reinando com poder ilimitado. E como é automática e cega, não sendo nem instintiva nem inteligente, não é capaz de restabelecer a saúde, espontaneamente.

Dynamis – diz respeito a movimento, força ou poder. A força vital tem a propriedade de animar, com força, movimento, o corpo material, e a reação mantendo suas partes em admirável “*Lebensgange*” harmônico. *Lebensgange*: 1 - Processo ou evolução da vida. 2 – Carreira de vida. Algumas edições do *Organon* traduzem como operação vital, a brasileira como atividade; dentro do aspecto fisiológico, a melhor seria a primeira.

Levando a tradução ao pé da letra, poderia supor que a força vital mantém as partes em admirável processo, evolução ou carreira de vida, significando um sentido de vida, uma atividade vital; reforçado pelo restante da tradução do parágrafo. E esta atitude em saúde seria harmônica. *Harmonious*: 1 – Adaptado um ao outro, com as partes proporcionais; simétrica. 2 –

Concordante, consoante; sinfônico; musical; melodioso. 3 – Estar de acordo, conforme; em paz e amizade.

Hahnemann recomendou a C. Hering induzir as homeopatas americanas a escreverem em sua língua alemã, sem emprestar palavras impuras. A visão do gênio já previa as futuras deturpações lingüísticas, tão abundantes em Matéria Médica, Repertórios e também na Doutrina.

A palavra Gefühlen foi traduzida em mais de 10 *Organons* que possuímos por sensação, com exceção da tradução de Jourdan que traduz por sentimento no Par.9 da 5ª Edição, de 1834. Esta palavra surge na 6ª Edição em outros parágrafos também.

Num dicionário de 1897: Gefühl – *feeling*, sentiment enquanto que a palavra que surge em outros parágrafos empfindung – *feeling, perception, sensation*. Nos dicionários atuais: Gefühl: tato, sensação, impressão, e o quarto significado é sentimento. Daí talvez erros de tradução.

Pelos parágrafos em que emprega um ou outro termo depreende-se que usa empfindung para referir-se ao organismo (Pars.10,11,189), as sensações desagradáveis orgânicas (11), como modalidade local (86) as partes sensíveis do organismo(189) e a reação drogual (113).

E Gefühlen usa para referir-se à força vital (11,29,189), a um todo indivisível (189), à saúde (9,19), a sintomas mórbidos como expressão da força vital (11,29), a doenças não cirúrgicas (29,189). E de cura de doença dinâmica (29).

Poderíamos talvez supor que Gefühlen – sentimento – ocupa lugar de destaque na antropologia Hahnemaniana (p.9,19), assim como elemento semiológico para identificarmos a doença dinâmica (p.11,27) e como parâmetro de cura (p.29).

Vejamos, portanto, o que significa sentimento:

“ Senti – ment: 1 – sentido próprio: pensamento incitado, induzido por uma paixão ou sensação” – Webster’s English Dictionary – 1875. “ Os sentimentos são estados afetivos duráveis de ordem geral. Eles se distinguem por isto dos estados afetivos de ordem física (prazer e dor corporais), – das emoções, que são brutais e temporárias, – enfim, das sensações, que são produzidas por um excitante físico, enquanto que os sentimentos nascem de uma

representação (imagem, ideia) mais ou menos clara. É errado pensar que os sentimentos pertencem unicamente à alma e não têm nenhum caráter orgânico. Todos os estados afetivos põem em jogo a um só tempo a alma e o corpo. Apenas nos sentimentos (sentimentos de veneração, de tristeza, de ódio, de simpatia, satisfação estética etc.) as representações exercem um papel preponderante e a repercussão orgânica é fraca, ainda que possua regularmente uma tonalidade agradável ou desagradável, que a aproxima da sensação.”

Mas o que são essas representações (imagens, ideias)?

Jung diz que: “A imagem baseia-se, antes, na atividade inconsciente da fantasia, cujo produto se impõe mais ou menos bruscamente à consciência, como uma espécie de visão ou alucinação, mas sem o caráter patológico destas, quer dizer, sem que possa figurar num quadro clínico-patológico. A imagem tem o caráter psicológico de uma representação de fantasia e nunca um caráter quase real de alucinação, quer dizer, jamais suplanta a realidade e difere sempre da realidade sensorial como imagem “interior” que é. Esse gênero de aparição deve-se considerar arcaico. Nas fases primitivas, ou seja, na mentalidade do primitivo, a imagem interior transfere-se facilmente como visão ou como alucinação auditiva para o espaço, sem que por isso seja de natureza patológica... em certas circunstâncias, porém, pode-lhe ser inerente um significado muito mais amplo para a vivência psíquica, quer dizer, um valor psicológico muito maior, na medida em que representa uma “realidade” íntima que, num determinado caso, pode superar o significado psicológico da realidade “exterior”. Nessas circunstâncias o indivíduo não se orienta no sentido da adaptação à realidade, mas no sentido da adaptação ao requisito íntimo.

Chamo primordial à imagem que tem caráter arcaico. Refiro-me ao caráter arcaico sempre que a imagem revela uma surpreendente concordância com os motivos psicológicos conhecidos. Neste caso, por uma parte, exprime, de maneira predominante, as materiais inconscientes coletivas, que são as conexões míticas, os motivos e imagens que, a todo o momento, podem reaparecer sem tradição histórica nem prévia migração e, por outra parte,



refere-se ao fato da situação momentânea da consciência ser menos pessoal e estar mais influenciada pelo coletivo.

A imagem primordial, que no outro lugar denominei “arquétipo”, é sempre coletiva, quer dizer, é sempre comum a provas inteiras ou, pelo menos, a determinadas épocas. Provavelmente, os motivos mitológicos principais são comuns a todas as raças e todas as épocas.

A imagem primordial é, do ponto de vista casual das Ciências Naturais, um sedimento mnêmico, um engrama (Semon) produzido pela condensação de inúmeros processos mutuamente semelhantes. Em primeiro lugar, é uma condensação e, portanto, a forma típica fundamental de uma determinada vivência psíquica, sempre corroborada. Por isso, como motivo mitológico, é sempre eficiente e uma expressão que continuamente estimula a vivência psíquica ou a fórmula de maneira apropriada.

A imagem primordial é, portanto, uma expressão compreensiva do processo vital. Propicia à percepção sensorial e à espiritual, que aparecem inicialmente de modo desordenado e desconexo, um sentido ordenador e vinculador, libertando assim a energia psíquica da vinculação à percepção pura e simples, inteiramente desconexa. A imagem primordial é uma fase prévia da ideia.

A ideia recebe essa qualidade de imagem primordial, que como expressão da estrutura cerebral específica, dá também uma forma determinada a toda a experiência.

A continuação do desenvolvimento do pensar conduz à ideia, que não é outra coisa senão a imagem primordial logo que atinge a formulação própria do pensamento. Para além disso, a ideia só conduz ao desenvolvimento da função contrária, ou seja, intelectualmente apreendida a ideia, quer atuar sobre sua vida. Para tanto, recorre ao sentimento, que neste caso está muito menos diferenciado e, conseguinte, é mais concreto que o pensar. O sentir é impuro, portanto, e como está indiferenciado, segue-se que está ainda fundido com o inconsciente. O indivíduo é então incapaz de unir a ideia com o sentir de natureza tal. Em semelhante caso, a imagem primordial impressa como símbolo no campo da visão interior e

em virtude de sua natureza concreta capta o sentimento que se encontra em estado concreto indiferenciado; mas ao mesmo tempo, graças à sua significação, também é a ideia, de que é matriz, unindo assim a ideia com sentimento. A imagem primordial aparece nesta forma como intermediária e revela assim, por seu turno, a virtude redentora que sempre teve nas religiões.

No Congresso da Liga Médica Homeopática Internacional em nov/84, em Buenos Aires, Elizalde lança ao mundo homeopático uma velha nova Antropologia Homeopática... *"O modelo de saúde, utilizado por Hahnemann, Kent e Allen, é o anterior a queda do Pecado Original ... Eles crêem num passado concreto, real, histórico... tangível, de um homem perfeito instalado em um habitat harmonioso... Pensam em um composto substancial de alma e corpo completo, em máximo equilíbrio, com felicidade e dignidade, tanto em suas funções espirituais de conhecer e amar o Soberano Bem, com seus objetivos corporais de nutrir-se, crescer e gerar"*.

*"...Tal convicção adquirem-na pela correta interpretação das modificações da atividade da alma determinadas pelas patogenesias. Nelas vemos, fundamentalmente, além das alterações dos potenciais vegetativos e de sua expressão pelas mudanças evidenciadas pelos objetivos buscados pelo concupiscível e o irascível, uma nítida lesão da potência mais elevada da alma sensitiva: a imaginação. Sob o efeito energético medicamentoso surgem sentimentos angustiosos, simbolicamente apresentados por sonhos, imagens referentes a um passado, não vivido temporalmente pelo sujeito, e a um futuro ameaçador, não justificado por sua realidade presente. As patogenesias são exaltação de uma recordação, normalmente sepultada no inconsciente, que nos é transmitida por herança e que em suas manifestações..., está mostrando que constituem valores transcendentais que o homem, sente alguma vez possuído... imortalidade, imunidade, integridade e ciência infusa, tendo a certeza da existência de Deus..."*

*"... De quem recebia Graça, Misericórdia, Justiça e Amor, era livre e mantendo a perfeição que Deus o outorgava, o convertia em continuador de Sua Obra. Ordem, Harmonia e Beleza era seu habitat natural"*.

"O sentimento de culpa, e o conseqüente temor ao castigo, comuns denominadores em quase todas as patogenesias ricas sintomatologicamente, falam bem às claras do congênito convencimento de haver cometido uma transgressão de que padece o ser humano e que,

indubitavelmente, representa o argumento que assegura Hahnemann, Allen e Kent, sobre a realidade histórica do Pecado Original”.

“... As patogenesias... concentram em um grupo reduzido de experimentadores a reprodução do dito drama fazendo-se, desta maneira, evidente e, além disso, permitem sua exaltação, sempre igual, pela repetição da experiência... e ... ao exacerbar a imaginação, determinam um vislumbre mais lúcido dos sentimentos ancestrais, nela acumulados, e das simbólicas imagens que representam, enriquecendo as linguagem do experimentador... Graças às patogenesias, a teoria de Jung sobre o Inconsciente Coletivo converte-se em um fato comprovado... Fantasia ou imaginação é destinada à retenção e à conservação das formas sensíveis, como se fosse um tesouro das formas recebidas pelo sentido.” Suma Teológica questão 78 – S.T.Aquino

Pelo Tomismo a imaginação é uma potência superior da alma sensitiva, estando a serviço da alma racional. Se traçássemos um paralelo entre Antropologia Yunguiana e o Tomismo encontraríamos:

## JUNG

### **Pensamento**

**Ideia**

**Imagem Primordial**

**Símbolo**

**Sentimento**

**Ação**

## TOMISMO

**Racional**

**Imaginação**

**Sensitiva**

**Vegetativa**

Será que a origem etimológica da palavra sentimento vem do fato deste nascer de uma representação (imagem, ideia), que são retidas pela imaginação que é uma potencia da alma sensitiva (senti) a serviço da alma racional (mento-mente)?

Se os sentimentos significam através da imaginação: sonhos, fantasias, ideias etc., estes são elementos de destaque na Antropologia Homeopática (§9,19), dados semiológicos para identificarmos a doença dinâmica (§11,29), e como parâmetro da cura (§29).

Seguindo essa orientação, temos observado neste 1,5 ano, esta realidade clínica, tanto na semiologia, colocando no 1º escalão hierárquico a ferida na imaginação e, como parâmetro de cura da doença dinâmica, com modificações nas fantasias e fundamentalmente nos sonhos, como já observou Micaela Moize num trabalho de 1979.

Continuando na análise do Par. 9 aparece o termo Geist – espírito, aqui acompanhado de dotado de razão tendo uma conotação filosófica.

Ao dizer que este espírito habita, reside em nós, se expressa como Platônico. E nos Pars. 11,12,13, o principio vital altera-se primariamente, levando, conseqüentemente, a alterações orgânicas, denotando uma visão mecanicista de causa-efeito, que era próprio da mentalidade médica do séc. XVI e XVII.

Em 1811, Hahnemann dizia: “... Só valorizo Platão quando ele é compreensível e fala claramente...”

E ao contrario dos §9 ao 13, no §15 vê-se sua visão holística, monista, da unidade corpo-energia vital, como um complexo, um todo indivisível, que para finalidade didática nossa mente separa, mostrando-se Aristotélico.

“... Até aqui é possível seguir mantendo uma imagem dualista do homem já que, um monismo absoluto, não fica o suficientemente claro porque, se bem Hahnemann fala-nos da vontade como integrando essa unidade, ao qualificá-la de ‘puramente instintiva’ permite, ao queira fazê-lo, interpretar que se está referindo ao apetite sensitivo e não ao racional. Mas, quando tomamos em conta o afirmado ‘Esculápio na Balança’ e no prólogo da 4ª edição do Organon, nos quais as alterações no sentir e no atuar, que constituem a enfermidade, são referidas ‘a vida espiritual’ e aos valores transcendentais como

*a felicidade e a dignidade, a essência monista do pensamento hahnemanniano fica evidenciada sem possibilidades de discussão”.*

*“... Pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência.”*

O que seriam os mais altos fins de nossa existência para Hahnemann?

Em 1805, na “Medicina da Experiência”, ao comparar o homem com os demais animais mostra-nos um pouco do “Instrumento Vivo e São” dizendo que:

*“... Só ele nasce nu, débil, sem defesa...” Mostrando a desproteção psórica que mais tarde elucidaria seus discípulos.*

*“... a fonte do amor não deserdou – o homem mais do que a animalidade, a fim de dispensá-lo com mais profusão esse brilho da divindade, esse espírito que lhe faz encontrar com quem satisfazer a todas as suas necessidades, assegurar seu bem estar, e criarem-se os imensos recursos por cujo meio eleva-se de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito que não perece por si mesmo sabe proporcionar à sua precíval cobertura os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os de que as criaturas mais favorecidas podem louvar-se haver recebido imediatamente da natureza.”*

*“... era preciso que nosso espírito encontrasse, em seus próprios recursos, os meios de alargar-se de uma maneira indefinida para assegurar completamente nosso bem estar. ”... a vontade do Criador ... tem sido o aperfeiçoamento do nosso indivíduo todo, inteiro e, por conseguinte também nosso corpo e a cura de suas enfermidades .”*

Referendando estes aspectos numa carta a Stapf, de 1827, diz: *“... E a entomologia não é uma revelação da sabedoria Divina, poder e bondade, se isto não revela tudo o que é necessário para urgir cada bom homem a alegremente aperfeiçoar Sua Vontade tal como ela manifesta-se em sua consciência... Se não podemos aprender a verdadeira religião disto, então eu devo ser cego espiritualmente...”*

Em Esculápio na Balança, 1805, coloca mais claramente o que seriam os mais altos fins: *“...Oh! homem quão nobre é a tua origem, quão grande teu destino, e quão elevado o objetivo de tua*

*vida? Não estás destinado a aproximar-se por meios de sensações que asseguram sua felicidade, de ações que aumentam sua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo, ao grande espírito que adora os habitantes dos sistemas solares?"*

Nascido em berço protestante, aos 22 anos, é admitido na Maçonaria, tendo influenciado sua visão filosófica e religiosa. Os princípios de um universal amor de ajuda para seus semelhantes, a demanda por um incessante esforço para seu auto-aprefeiçoamento moral, a crença no poder de um Deus vivo Onipresente, "*O Onipotente Arquiteto do Universo*", e muitas de suas cartas demonstram o seu pensar Maçônico:

*" A toda Beneficente Divindade que anima todo o infinito universo, reside em nós também e nos dá a faculdade de raciocínio com a maior e inestimável doação, enquanto que seu próprio caráter moral ele implanta em nossa consciência uma faísca de sua santidade..."*

E numa carta a Stapf, de 1823:

*" Existe maior felicidade do que fazer o bem? Ainda quando partamos dessa vida, o grande, o único e infinito ser, que distribui alegria em todos os homens continuará a instruir-nos, como aproximarmo-nos de sua perfeita benção por intermédio de atos de bondade e tornar-se ainda como ele por toda eternidade."*

Como muitos contemporâneos era deista, que eram religiosos livres-pensadores que no século XVII e XVIII, na Inglaterra, tentavam encontrar entre todas as religiões, uma religião natural com fé em Deus vivo, o Criador e sustentáculo de todo o mundo e todos os indivíduos. Mas o mais importante para cada homem era estar imbuído de uma vida moral e boa. Hahnemann acreditava num Deus que permeia todas as criaturas, onipresente, com toda bondade e a tudo envolvendo, tendo sido seu impulso para cada ação e a profunda busca da filantropia.

É importante notar que o termo deísmo atual é de diferente sentido: sistema ou atitude dos que rejeitando toda a espécie de revelação divina e, portanto, a autoridade de qualquer igreja aceita, todavia, a existência de um Deus destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá não haver influído na criação do Universo.

Portanto não podemos concordar com a denominação de Deísta Agnóstico atribuída a Hahnemann por Demarque. A palavra Agnosticismo foi introduzida por Huxley em 1869, 36 anos após a morte de Hahnemann. Demarque deve ter-se baseado no fato de Hahnemann seguir sob certos aspectos o Criticismo Kantiano, pelo fato de valorizar fenômenos cognoscíveis a partir de uma experiência dos sentidos.

Por vários escritos e por uma carta de 1828: *“Grandes são os trabalhos do Senhor da Criação, incomensurável é sua sabedoria, poder e bondade...”* Hahnemann não pode ser considerado deísta. Poderíamos considerá-lo como teísta, já que teísmo é: a Doutrina que admite a existência de um Deus pessoal, causa do mundo.

É interessante notar que, em 1829, Hahnemann comunica sua recente descoberta sobre os miasmas, publicada sob o título de *“Doenças Crônicas”* a dois Discípulos, que Hahnemann sabia que a entenderiam: Cross e Stapf.

Como estamos vendo, é com esse último que troca cartas teológicas nessa época e, justamente em 1828, numa carta ele fala como atingir os altos fins da existência: *“... A Deidade toda bondosa que anima o infinito universo, vive também em nós, para o nosso mais alto e inestimável dote, dá-nos razão e uma faísca de sua santidade em nossa consciência, que nós somente necessitamos manter suavemente por uma constante atenção sobre nossos atos, de maneira que isso possa resplandecer sobre todo nosso ser e então ser visível em todas nossas transações, que razão pura deve com inexorável severidade conter, subjugar nossa natureza animal, de tal maneira que o fim de nossa existência aqui em baixo possa ser proveitosamente cumprida, para cujo propósito a Deidade dotou-nos com suficiente força.”*

Quanto ao condicional: *“Pode livremente alcançar os altos fins de nossa existência”*, Elizalde diz: *“A manutenção deste estado de equilíbrio já não depende da ação do simillimum senão, em primeiro lugar, de que o sujeito aproveite para aquisição dos conhecimentos necessários para saber referir, as incógnitas transcendentais que lhe coloca a sua Psora Primária, a sua vida metafísica e, em consequência a buscar sua resolução nesse plano.”*

*“... Devendo resolver o conflito entre o mundo real, concreto, que percebe por seus sentidos, e o mundo ideal, de perfis vagamente delineados, que boia em sua imaginação com tanta força exterior e ao que, primeiro deve decifrar para depois confrontá-lo com outro e harmonizá-los hierarquicamente, resolvendo corretamente, assim, sua aparente oposição. Em segundo termo, e talvez o mais importante, que em pleno exercício de sua liberdade gozando do conhecimento adquirido decida reintegrar-se a Ordem pelo acatamento voluntário a Lei.”*

*“...Quando o homem admite a existência de sua limitação para conhecer e, acatando humildemente os mistérios, renega sua desconformidade primeira, renuncia ao homocentrismo que o impulsiona a ‘querer ser como os deuses’ e, devolvendo a Deus o que é de Deus, restitui-lhe o que Lhe é confiado, feliz de sua amorosa dependência e cumpridor alegre, as compreenda ou não as disposições de seu Pai.”*

Em outras palavras, a ação do *simillimum* devolve ao homem enfermo não somente o bem estar que faz desnecessário um atuar indigno, mas a normalização das mudanças no sentir e no atuar, no que Hahnemann resume a enfermidade; coloca o sujeito em processo de saúde estável, que conseguirá sim, como também quer Hahnemann, adquirindo os conhecimentos que abracem o Universo e que, portanto, o capacitem para a consciente e voluntária reconciliação com Deus. Mas, e fique bem entendido, que, em princípio, o homem pode, por ser livre, voltar a desencadear, portanto, os matemáticos mecanismos da desorganização. Veremos, então, recair o quadro de seu medicamento e uma nova prescrição far-se-á necessária. O desaproveitamento do estado de equilíbrio para os fins relatados determinará que a falta de resposta correta às incógnitas mencionadas volte a despertar a angústia e, com ela, a pulsão o estimula a encontrar rápida e concreta explicação. Para completar sua missão e realizar a verdadeira medicina preventiva, o homeopata não deve limitar-se a ver os efeitos do *simillimum* senão que, ao comprová-las, deve saber despertar em seu paciente o interesse pelo transcendente fim da existência. Desgraçadamente, o médico crê que esta atitude vai invadir um terreno que não lhe corresponde esquecendo que desde o começo de todas as culturas Medicina e Religião tem estado indissolúvelmente unidas.



Esta visão Hahnemann já colocava claramente numa carta a um paciente em 1830, que provavelmente havia tomado *simillimum* e necessitava somente da orientação necessária complementar do médico: “... *Não existe nada que precise ser contido e subjugado do que nossas tendências físicas, incluindo as da imaginação. A nossa parte animal requer supervisão constante e um controle tão estreito e moderador como nosso poder de razão possui. É somente através de uma vitória constante que somos feitos felizes (we are made happy) através dessa consciência salutar e sublime – sentimo-nos então que estamos repousando, (rest-tranquilidade) na amizade (friendship - favor, proteção) do Uno ... Você deseja outra religião? Não existe. Qualquer coisa é uma concepção humana baixa e miserável cheia de superstição, uma verdadeira destruição da humanidade...*”

Aqui mais uma vez vemos a visão do gênio que viria ser revelado 154 anos após, como o essencial da enfermidade humana: a ferida na imaginação que Elizalde lança ao mundo homeopático após a leitura nas fontes puras de informação – *Matérias Médicas Puras* - permitindo-se especular a *posteriori* da leitura dos fatos experimentais, traçando um paralelo entre Tomismo e a Homeopatia, tarefa tentada por Jean Paul Tessier (1811-1862) e por Jean Joublin “ *O Real Passa da Medida*” – 1960, sem grandes frutos, provavelmente por emanar de opiniões e não de especulação a partir das manifestações da atividade da alma ou Psicologia Experimental.

